

# FAZER DA UNIVERSIDADE UM LABORATÓRIO PARA A ESPERANÇA

## DISCURSO NOS 25 ANOS DA UCAN

Excelência Reverendíssima Senhor Magno-Chanceler  
Magnífica Reitora  
Caras Autoridades e Membros da Comunidade Académica  
Senhor Núncio Apostólico e Senhores Bispos  
Autoridades presentes  
Ilustres Convidados  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Sendo um espaço onde o indivíduo encontra as condições favoráveis para desenvolver competências fundamentais da sua própria humanidade, a universidade não deixa de ser também uma extraordinária aventura coletiva, um sonho que irmana tantos atores, um verdadeiro pacto educativo global. Esse carácter comunitário aparece já cunhado na designação que lhe dá origem, o termo latino *universitas* que começou por descrever no início a corporação dos mestres e dos seus estudantes, «livremente associados no mesmo amor pelo saber», tal qual nos recorda a Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*, que é uma espécie de magna constituição para as universidades católicas. A própria ideia de Universidade não se entenderia sem a concretização desta aliança que na bela definição de São Tomás de Aquino é uma *societas amicorum* (uma sociedade de amigos). Os vinte e cinco anos da UCAN são um documento vivo de como juntos se pode atingir um bem superior, que depois reverte num futuro melhor ao serviço de todos. O meu pensamento voa até aquele dia 22 de Fevereiro de 1999 em que 349 estudantes e 14 professores deram início a esta instituição de que a Igreja se orgulha e na qual a sociedade angolana se revê: a UCAN. O símbolo da Mulembeira que escolheste para o emblema da Vossa universidade representa essa confiança na força da comunidade reunida e nas novas capacidades generativas que ela é capaz de suscitar. Isso que um dos autores clássicos angolanos cantava:

«talvez um dia  
quando as buganvílias alegremente florirem  
quando as bimbis entoarem hinos de madrugada nos capinzais  
quando a sombra das mulembeiras for mais boa

quando todos os que isoladamente padecemos nos encontrarmos iguais  
como antigamente  
talvez a gente ponha  
as dores, as humilhações, os medos  
desesperadamente no chão  
(...)  
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças  
vamos então fazer um grande desafio... »

Obrigado por este grande e belo desafio que a UCAN representa.

A universidade é uma comunidade de pessoas que vive numa estreita interação mútua, produzindo sinergias sem as quais o projeto educativo e eclesial não é eficaz. A sua riqueza só se manifesta quando valoriza todos aqueles que compõem a realidade educativa e se torna uma verdadeira corporação. De facto, quem trabalha numa universidade sabe a importância vital de todos os seus membros. Os docentes e investigadores têm de ter uma grande qualidade científica e humana. Mas também é verdade que, em cada ano, a prestação dos alunos é determinante para a qualificação da universidade. E, quantas vezes, uma das peças chave de um positivo ambiente comunitário é a administrativa que na secretaria sabe atender com competência e afabilidade ou a pessoa que serve no refeitório nos intervalos das aulas, e o faz com uma gentileza que faz bem a todos! A universidade é construída por todos. Escutemos o que diz o nosso querido Papa Francisco: «acolhamos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” do viver comum, do estar juntos, de encontrar-se, dar-se as mãos, apoiar-se... numa verdadeira experiência de fraternidade» (E.G. 87). A universidade é um grande laboratório para o encontro; ela prepara protagonistas capazes de se reinventarem na abertura à alteridade; ela é mantida por pessoas que creem na beleza da fraternidade. A comunidade universitária funda-se na auscultação recíproca e no exercício corresponsável de práticas colaborativas. Assim, cria redes que persistem e enriquecem. Assim, fomenta a aproximação entre os saberes para enfrentar os complexos desafios do presente através da uma inter e transdisciplinaridade. A universidade é sempre chamada a abraçar a universalidade.

Nos seus “Escritos sobre a universidade”, o cardeal John Henry Newman defendia que aquilo que é próprio do saber universitário é a «faculdade de ver muitas coisas ao mesmo tempo como um todo e de reconduzi-las uma a uma à sua verdadeira posição no sistema universal, compreendendo o respetivo valor e determinando a sua dependência recíproca»<sup>1</sup>. A

---

<sup>1</sup> John Henry NEWMAN, Scritti sull’università, Bompiani: 2008, p. 283.

Universidade é uma casa para o diálogo entre os saberes, oferecendo-nos a visão de uma sabedoria poliédrica, que sabe valorizar todos os seus aspetos e faces. Gera relação, interconexão, sistema, comunidade. Por isso, se entende, por exemplo, que um tópico que nunca falta quando o Papa Francisco fala de universidade seja o da esperança. Quase nos fazendo pensar que são termos sinónimos. Na exortação apostólica *Evangelium Gaudium*, onde definiu o programa do seu pontificado, o Papa lança um apelo firme: «*não deixemos que nos roubem a esperança!*»<sup>2</sup> (n. 86). Trata-se de uma exortação a não desencorajar perante as dificuldades de cada estação histórica, mas pelo contrário, a olhá-las de frente iluminados por uma fundamental e partilhada confiança. Em vez de globalizar o medo e a incerteza, Francisco incita-nos a «globalizar a esperança». Os universitários sabem que lhe cabe como tarefa ser guardiões e sentinelas da esperança, contra aquela «existência enganadora que é oferecida pelos comerciantes do nada»<sup>3</sup>. Quem habita o mundo universitário não se pode permitir não ter esperança. «O homem não pode viver sem esperança e a educação é geradora de esperança. Com efeito, a educação é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do dar a vida. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança...»<sup>4</sup> - insiste o Santo Padre.

Comunidades de conhecimento e de futuro como são as universidades, como é esta Universidade, a esperança é a sua missão. E esperança não se confunde, como insiste Francisco, com «um otimismo superficial...», mas antes de tudo é um saber arriscar de maneira certa»<sup>5</sup> e pelas causas certas. É verdade que estamos no turbilhão de uma mudança epocal com horizontes inéditos que somos chamados a explorar, com o início da era do algoritmo e da inteligência artificial. Um dado objetivo desta nova época pode ser encontrado na necessidade de uma definição ética em novos domínios, desde a bioética ao tema da ecologia e da responsabilidade face às gerações futuras na gestão dos recursos do planeta. O futuro obriga-nos a ter uma visão integral da realidade, a cultivar uma hermenêutica sistémica e a compreender que tudo está interligado, em indissociável interconexão, pois a aventura da pessoa humana acontece a par do destino de toda a criação. Por isso, precisamos de aprofundar em comum aquela esperança que provém de um humanismo integral, que coloca decididamente no seu centro a pessoa humana. E aí as universidades jogam um papel decisivo, mostrando como a esperança não é uma quimera, mas um dinamismo concreto, uma laboriosidade, um fazer, um compromisso. Quando visitou a icónica Universidade de Bolonha, o Papa Francisco pediu ao mundo universitário

---

<sup>2</sup> Papa Francisco, *Evangelium Gaudium* (2013), n.º86.

<sup>3</sup> Papa Francisco, *Visita à Universidade de “Roma Tre”* (2017).

<sup>4</sup> Papa Francisco, *Alocução na Plenária da Congregação para a Educação Católica* (2017).

<sup>5</sup> Papa Francisco, *Visita à Universidade de Bolonha* (2017).

que se tornasse uma verdadeira ponte neste mundo polarizado. E fazia-o com estas palavras que gostaria que ressoassem hoje nos nossos corações: «Como seria bom se as salas das universidades fossem estaleiros de esperança!»<sup>6</sup>.

Um dia, um amigo fez ao escritor Franz Kafka a seguinte pergunta: «a esperança existe?» Kafka terá respondido: «sim, existe esperança, e uma esperança infinita, mas não para nós». Ora, um projeto como a UCAN existe para contrariar a tentação dos pessimismos e dizer que, pelo contrário, há uma esperança para nós, que nos pertence. A UCAN confirma os jovens angolanos como protagonistas da esperança no seu país, habilitando-os a servir a comunidade e a realizarem os seus sonhos. A UCAN sente-se responsável pelos sonhos de gerações e é chamada a concretizá-los, a levá-los mais longe. Obrigado senhores bispos de Angola pela aposta neste projeto de Ensino Superior, que sei que está profundamente arraigado no vosso coração, e constitui um recurso que espelha a missão da Igreja e as justas expectativas da comunidade humana, pois «as comunidades educativas têm um papel fundamental, um papel essencial na construção da cidadania e da cultura!»<sup>7</sup>. Evoco o *incipit* da célebre Encíclica *Mater et Magistra*, de São João XXIII: «Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja Universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que todos, vindo no seu seio e no seu amor, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e penhor seguro de salvação. A esta Igreja, "coluna e fundamento da verdade" (cf. *1 Tm* 3, 15), o seu Fundador santíssimo confiou uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu».

Na Bula deste Ano Santo, o Papa Francisco propõe que se atenda «à necessidade duma *aliança social em prol da esperança*, que seja inclusiva e trabalhe por um futuro» comum. Penso que é também em nome dessa *aliança social em prol da esperança* que a UCAN existe. O meu desejo é que ela se torne sempre mais, à medida que os anos passam, uma grande escola da esperança.

No mundo contemporâneo que aparece ao mesmo tempo globalizado e fragmentado, a tarefa de uma Universidade Católica passa por explicitar ativamente razões de esperança, tornar-se mestra e servidora do humanismo cristão capaz de inspirar a realidade. Não há dúvida de que o futuro solicita uma esperançosa visão integrada onde o conhecimento, a educação, a espiritualidade e a ética tenham realmente um lugar operativo. A nós não nos basta ser uma boa universidade, competir nos rankings, obter boas classificações nas agências de avaliação. Isso é muito importante, claro, mas

---

<sup>6</sup> Papa Francisco, Visita à Universidade de Bolonha (2017).

<sup>7</sup> Papa Francisco, Discurso na Pontifícia Universidade Católica do Equador (2015).

temos de ter a coragem de reconhecer que é insuficiente. A finalidade das universidades católicas, como o explicita o Concílio Vaticano II, na Declaração “Gavissimum educationis”, nº 10, é fazer com que se realize «uma presença pública, constante e universal do pensamento cristão... e formar os estudantes, de modo a que se tornem homens e mulheres verdadeiramente insignes pelo saber, prontos a realizar tarefas responsáveis na sociedade e a testemunhar a sua fé perante o mundo». É por essa razão que as universidades católicas, como escreveu São João Paulo II, são uma expressão do coração da Igreja (ex-corde ecclesiae).

O recurso principal deve ser sempre, portanto, a pessoa humana. É o nosso ativo mais precioso. Precisamos, nessa medida, de reforçar uma antropologia integral que inscreva a pessoa humana no coração de todos os processos. O grande investimento não pode deixar de ser aquele humano, isto é, investimento na capacitação de cada um para que possa desenvolver as suas potencialidades cognoscitivas, criativas, espirituais e éticas e contribuir desse modo qualificado para o bem comum.

As universidades, e por maior razão as universidades da Igreja, estão colocadas numa encruzilhada de possibilidades culturais, científicas, sociais e religiosas. Elas não vivem para si mesmas, como se fosse impermeáveis bolhas de realidade. Pelo contrário, desenvolvem-se quanto mais se tornam capazes de auscultação, de exercício corresponsável de práticas colaborativas, de generativo encontro de pessoas e culturas. Para tal, é necessária uma inteligência criativa, mas também um discernimento que não pode ser parcial, nem improvisado, mas assente nos próprios valores. A Universidade é chamada a abrir-se à inovação, mas a fazê-lo na fidelidade à sua identidade e aos seus valores. A abertura ao futuro, numa instituição que faz da procura da verdade e da sua transmissão o seu modo de existência, deve ser visto como uma coisa normal. As universidades católicas têm, de facto, de dialogar com o novo, trabalhar com afinco as perguntas e problemáticas atuais e constituir-se elas próprias como grandes laboratórios do amanhã. Mas esta vocação à inovação precisa de ser, porém, acompanhada e sustentada, como recorda a *Ex Corde Ecclesiae*, de uma «clara consciência» (n.7) do que é a sua natureza e identidade. Universidade Católica quem és tu? Porque te chamas assim? Efetivamente, o “católica” que traz no seu nome não é um mero adjetivo, mas é uma qualidade substantiva que anima e confere perspetiva à vida da academia transversalmente, em todos os detalhes; ao modo como ela se entende a si mesma e ao serviço que ela quer prestar a todos, sem excluir ninguém. O ser “católica” é um estilo de proceder com correção ética, sentido de justiça, transparência e verdade, aceitando as palavras de Jesus que afirma: «Quem é fiel no pouco também é fiel no muito, e quem é injusto no pouco também

é injusto no muito» (Lc 16,10). A catolicidade de uma universidade exprime-se, em suma, no «esforço conjunto da inteligência e da fé que consinta aos seres humanos de alcançar a medida plena da sua própria humanidade» (n.5). Nessa dedicação permanente para que em todas as vias dos saberes se viva a ligação com a verdade maior, que é aquela de Deus. E aqui gostaria de sublinhar também a importância da pastoral universitária que é um agregador de comunidade na vida da academia, e também uma possibilidade de aprofundar e celebrar a fé, experimentando a alegria de vivê-la conjuntamente e a responsabilidade de testemunhar no espaço intelectual o dinamismo irradiador do Evangelho. A universidade é desafiada por Francisco «a ser sinal duma Igreja jovem, viva e em saída». Aqui a pastoral universitária desempenha um papel crucial, como o testemunham, em tantas paragens, os exemplos extraordinários de irradiação missionária e de voluntariado. Estes representam uma oficina do dom, uma aprendizagem da dádiva concreta, que «impede o divórcio entre a razão e a ação, entre o pensar e o sentir, entre o conhecer e o viver, entre a profissão e o serviço..., superando toda a lógica antagónica e elitista do saber».

Formar as elites é também uma missão de uma universidade católica, elites competentes e servidoras do bem comum, mas deve fazê-lo sem se tornar elitista. Deve ser socialmente abrangente, aberta e acolhedora, procurando que as oportunidades cheguem a quem precisa delas. O saber que se deixa capturar por uma lógica puramente elitista é como uma ferramenta que poderia ser útil à construção social, mas se recusa. Comove-me sempre um poema do amado Cardeal Dom Alexandre Nascimento, que a dada altura refere: «É gente erudita que leu Kant, conhece Espinosa.../Do que não suspeita, por certo, é que tema alma defunta.../Outra coisa é este meu povo, este povo sofredor/ Gente do "mato" e do chimbeco em Luanda,- A Velha Mutudi, a tia Ximinha;/Gente que ri, porque sabe o que é chorar».

Para tal, é necessária não só uma inteligência criativa, mas também uma inteligência afetiva que hoje é pedida ao ecossistema universitário no seu conjunto. A universidade não serve apenas para mimetizar o mundo presente, replicando modelos onde que se conformam à desigualdade social, à exclusão, à pobreza, à falta de horizonte e de sentido. Das universidades espera-se não apenas que conservem ativa a memória e a profundidade das grandes perguntas, mas que sejam também sondas e berços do amanhã, salas de parto de sociedades com mais oportunidades para todos, com menos desigualdade e mais redistribuição dos bens da ciência, da terra e do espírito. O filósofo escocês Alasdair MacIntyre representa o curso da nossa existência como uma corrida de estafetas: se um dos competidores perde o bastão, não há passagem de testemunho que dê sentido à corrida. Um das piores ameaças para uma sociedade, conclui MacIntyre, é perder a narrativa daqueles valores

humanistas, daquele capital de sonho e de esperança, daquele empenho em afirmar a dignidade da pessoa humana que a conduziram até aqui. Caso contrário, tudo se torna obscuro e incerto, a educação assume a aparência de um “faça você mesmo”, emerge demasiado a dimensão de business e encolhe a afirmação de um projeto humanista, desenhado em modo criativo e multiforme, e acabamos deslizando para o niilismo pedagógico agora disfarçado de eficiencitismo tecnocrata.

Falando aos universitários durante a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, onde tantos jovens angolanos participaram, disse o Papa Francisco também a este propósito: «À universidade que se comprometeu a formar as novas gerações, seria um desperdício pensá-la apenas para perpetuar o atual sistema elitista e desigual do mundo com o ensino superior que continua a ser um privilégio de poucos. Se o conhecimento não for acolhido como uma responsabilidade, torna-se estéril. Se quem recebeu um ensino superior – que hoje, no mundo, continua a ser um privilégio –, não se esforça por restituir aquilo de que beneficiou, significa que não compreendeu profundamente o que lhe foi oferecido. Gosto de pensar que, no Génesis, as primeiras perguntas que Deus faz ao homem são: «Onde estás?» (3, 9) e «Onde está o teu irmão?» (4, 9). Far-nos-á bem perguntar-nos: *Onde estou?* Permaneço fechado no meu mundo ou abraço o risco de sair das minhas seguranças para me tornar um cristão praticante, um artesão de justiça, um artesão da beleza? E perguntemo-nos ainda: *Onde está o meu irmão?* Experiências de serviço fraterno (...), que nascem no meio académico, deveriam ser consideradas indispensáveis para quem passa por uma universidade. Com efeito, o título de estudo não deve ser visto apenas como uma licença para construir o bem-estar pessoal, mas como um mandato para se dedicar a uma sociedade mais justa, uma sociedade mais inclusiva, ou seja, mais desenvolvida». Este é um mandato que nos deve unir a todos.

Vinte e cinco anos constitui, sem dúvida, uma data para agradecer. São Tomás de Aquino que pensou filosoficamente o que representa a gratidão, explicava que ela se compõe de três graus. O primeiro deles é pedir ao beneficiário que reconheça (*ut recognoscat*) o bem recebido. E estamos aqui para isso, para reconhecermos de maneira coral o grande bem que através desta universidade recebemos. O segundo grau pede que o beneficiário expresse claramente a sua gratidão manifestando-a sob a forma de encómio ou louvor (*ut gratias agat*). Se interpreto acertadamente o sentir desta assembleia, louvamos todos o que a UCAN é e o potencial que nela pulsa. Mas a gratidão, dizia São Tomás, não termina aqui. A gratidão só se realiza completamente com o assumir de uma responsabilidade: isto é, o dever de restituir o bem recebido a outros segundo as possibilidades e as circunstâncias. A consciência de que somos agraciados vincula-nos

seriamente à restituição do dom. «Recebestes de graça, de graça deveis dar» (Mt 10,8).

Isso mesmo nós lusófonos dizemos, por exemplo, com a palavra obrigado. Essa é, na verdade, uma curiosidade da nossa língua comum, pois o português é uma das poucas línguas em que a fórmula corrente de gratidão alude também à responsabilidade de restituir. Ao dizer obrigado assumimos que ficámos *ob-ligatus*. É assim que quem passa pela UCAN se deve sentir. A restituição está, de facto, no ADN de uma universidade, que tem uma tripla fisionomia onde se expressa. Expressa-se na didática, porque é uma escola de transmissão do conhecimento. Expressa-se na investigação, porque é um laboratório, uma fábrica de perguntas, um lugar de constante procura. A universidade não vive de repetição. Vive de busca e de inovação. Mas uma universidade concretiza a sua vocação e missão na restituição e no dom. Temos de devolver também. Temos de ser dom. Olho para vós e penso: “que maravilhoso dom!”